APRESENTAÇÃO

PABLO QUINTERO[1]
EDITOR
http://orcid.org/0000-0003-4111-9895

Nesta oportunidade, a tradicional apresentação da *Espaço Ameríndio* será um tanto diferente e maior, já que havendo completado um ciclo como Editor-Chefe da revista, nos corresponde realizar, para além da típica apresentação, um balanço dos últimos seis anos da publicação, mais especificamente entre o volume 13, número 2 (2019), até o passado volume 18, número 3 (2024), por razões que mais adiante serão evidentes, não temos como incluir este, nosso último número, na caracterização e avaliação desta temporada da revista.

Posteriormente ao balanço geral, e como é de costume, introduziremos os textos que compõem este novo número. E, finalmente, realizaremos os agradecimentos pertinentes ao presente número e as boas-vindas ao novo Editor-Chefe.

* * *

Quando ficamos encarregados da editoração da revista *Espaço Ameríndio* em junho de 2019, nos propusemos dois objetivos centrais: a) dar continuidade quantitativa e qualitativamente à revista fundada e dirigida pelo prof. Sergio Baptista da Silva desde 2007, e b) expandir e aprofundar tanto a difusão quanto a presença da revista entre leitoras/es e acadêmicas/os em geral, e em particular entre intelectuais indígenas.

Com uma primeira experiência que veio a se concretizar no volume 13, número 2 da revista, lançado em dezembro de 2019, os seguintes cinco números da publicação foram organizados e editados no contexto da pandemia do Covid-19, que assolou o Brasil e que teve impactos igualmente dramáticos entre as populações indígenas do país[21]. Assim, até o volume 16, número 1 da *Espaço Ameríndio*, lançado em abril de 2022, faz exatamente três anos em que autoras/es, pareceristas e toda a equipe editorial trabalharam em condições adversas, desde o ponto de vista físico e mental. Ainda mais, solicitar pareceres, realizar pedidos de ajustes e mudanças nos textos resultava uma tarefa particularmente antipática já que a revista não tinha a

[1] Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), e Vice Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/UFRGS). E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br

[21] Precisamente, o volume 15, número 2 de 2021, dedicou um dossiê sobre esta problemática intitulado "Os povos indígenas e a Covid-19", organizado pelos/as profs/as. Jean Segata, Raquel Dias-Scopel, Daniel Scopel e Rita de Cássia Neves: https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/issue/view/4421

mínima pretensão de ser mais uma carga para autoras/es e pareceristas que, sem dúvida, atravessavam também momentos difíceis.

Porém, após um difícil ano de 2020, onde a revista conseguiu solidificar dois excelentes números correspondentes ao volume 14, no seguinte, em 2021, tomamos a arriscada decisão de converter a *Espaço Ameríndio* numa publicação trimestral, passando de dois números por ano para três. Isto foi possível não tanto pela ousadia da Equipe Editorial, senão pelo apoio que já desde 2020 a publicação começou a ter dentro da comunidade intelectual indígena, recebendo cada vez mais artigos de diversas autorias indígenas de praticamente todas as regiões do Brasil. Ao mesmo tempo que lideranças e artistas indígenas, também de diversas procedências, aceitavam ser a imagem central das capas da revista ou ceder suas produções artísticas para a confecção das capas.

Particularmente, os três números do volume 15, por exemplo, apresentam nas suas respectivas capas três das mais importantes mulheres indígenas lideranças do Estado do Rio Grande do Sul. Numa conversação pessoal, uma delas nos confidenciou "bom que agora não somos desenho só, porque tem os parentes dentro", se referindo ao número cada vez maior de autores indígenas dos artigos da revista.

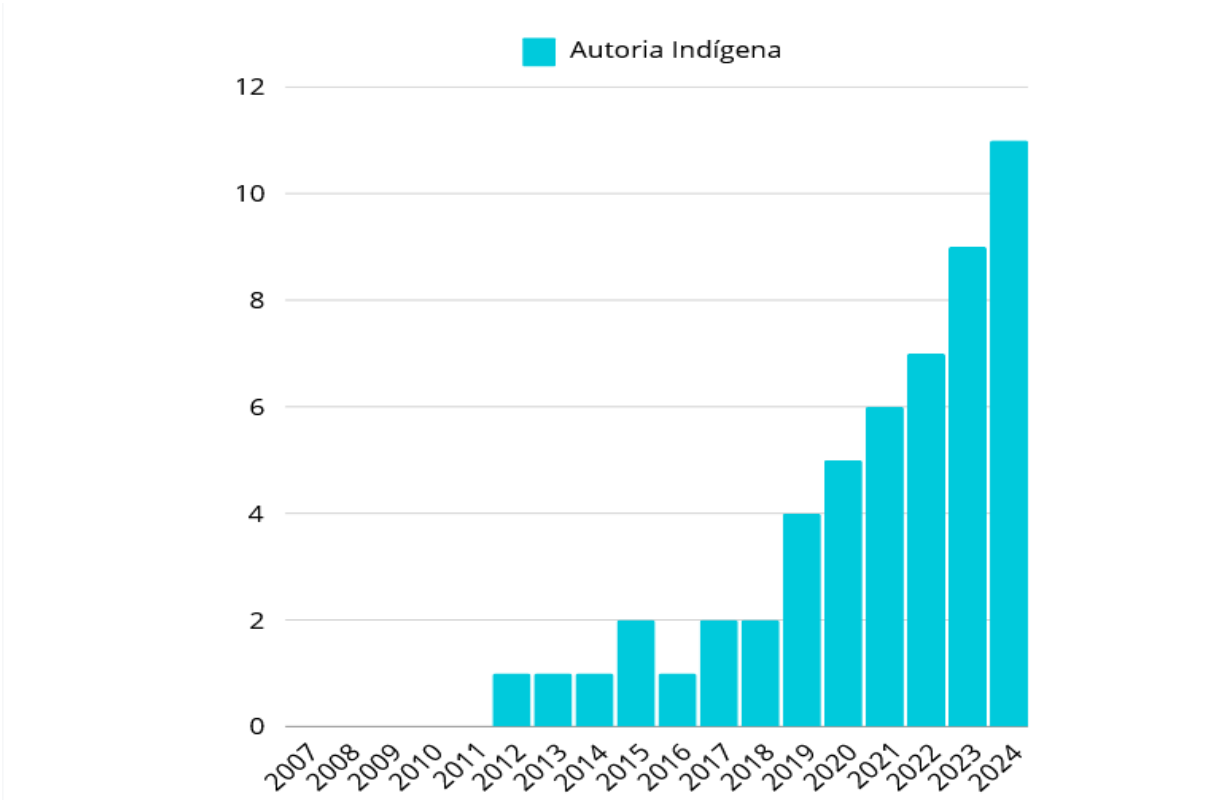
Neste mesmo sentido, o volume 14, número 1 (2020) e o volume 16, número 1 (2022) têm como imagem de capa obras dos importantes artistas indígenas: Denilson Baniwa e Bane Huni Kuin, respectivamente.



Capas da revista entre o volume 13, número 2 (2019) e o volume 18, número 3 (2024)

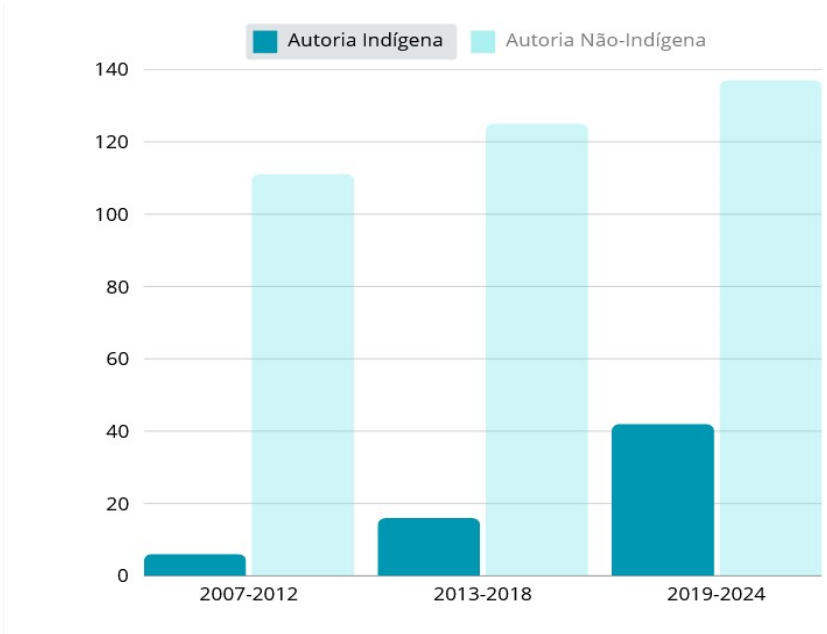
Certo é que este aumento significativo da presença de autorias indígenas só foi possível graças ao fato de que a revista, desde seus começos, há quase 20 anos, abriu a seção "Autores Indígenas" para contemplar um espaço contínuo para as populações das quais a própria revista trata. Mas também foi graças à expansão das políticas universitárias de ações afirmativas que permitiram o ingresso, a prossecução e egresso de estudantes indígenas, como política de Estado, que possibilitaram também criar uma ponte entre estes egressos e a revista.

O diagrama a seguir demonstra estatisticamente o aumento significativo das autorias indígenas já presentes na revista desde 2012.



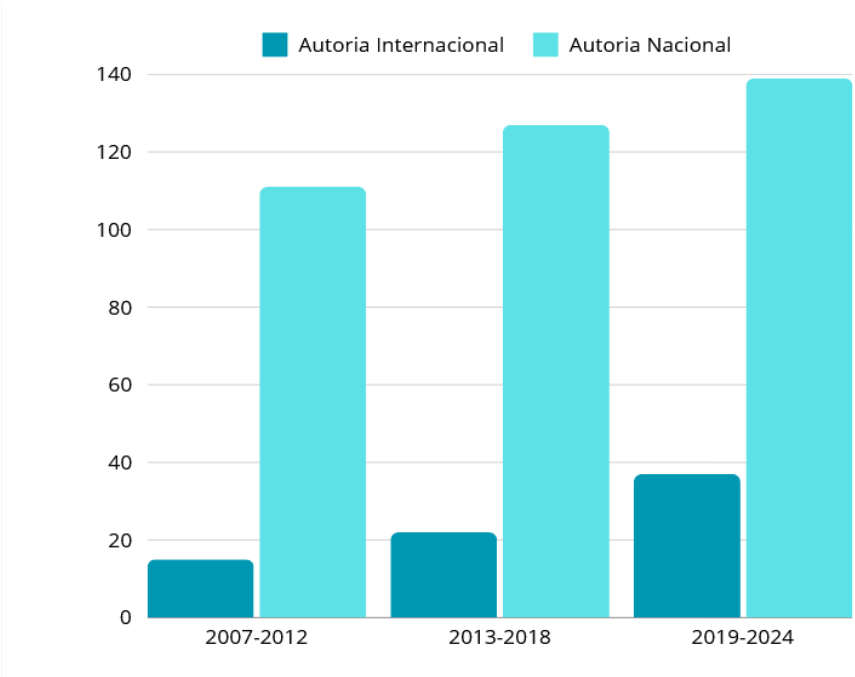
Número de autorias indígenas por volume (2007 – 2024)

Não obstante, quando se atende às estatísticas por quinquênio da relação entre autorias indígenas e não indígenas, as segundas continuam representando uma enorme maioria. Este fato não é fundamentalmente negativo, mas, sem dúvida, implica a necessidade e o compromisso de aprimorar a presença indígena nos números da revista.



Número de autorias indígenas e não indígenas na revista por quinquênio (2007 – 2024)

Por outra parte, as estatísticas por quinquênio demonstram também um incremento, mas, desta vez, pouco expressivo na autoria internacional da revista. Tal incremento, acreditamos, foi possível pela publicação de dois dossiês que trouxeram um número significativo de autoras/es da Argentina, Colômbia, México e Bolívia, nessa ordem, a saber: o volume 16, número 3 (2022)[32] e o volume 17, número 1 (2023)[43].

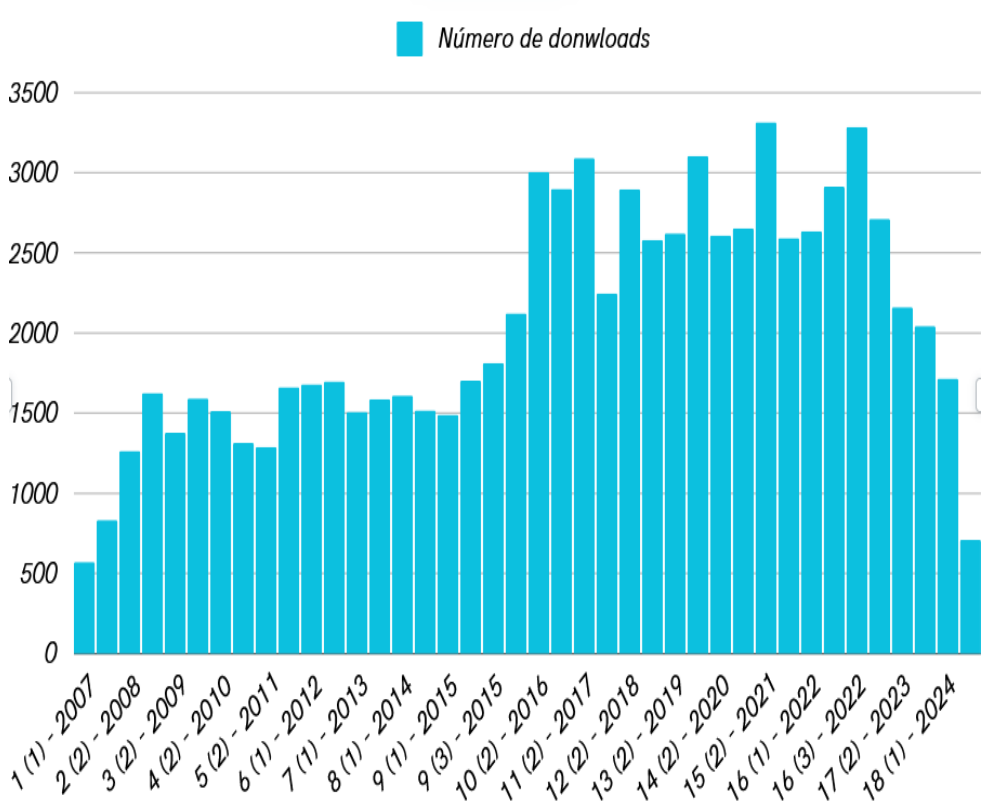


Número de autorias nacionais e internacionais (2007 – 2024)

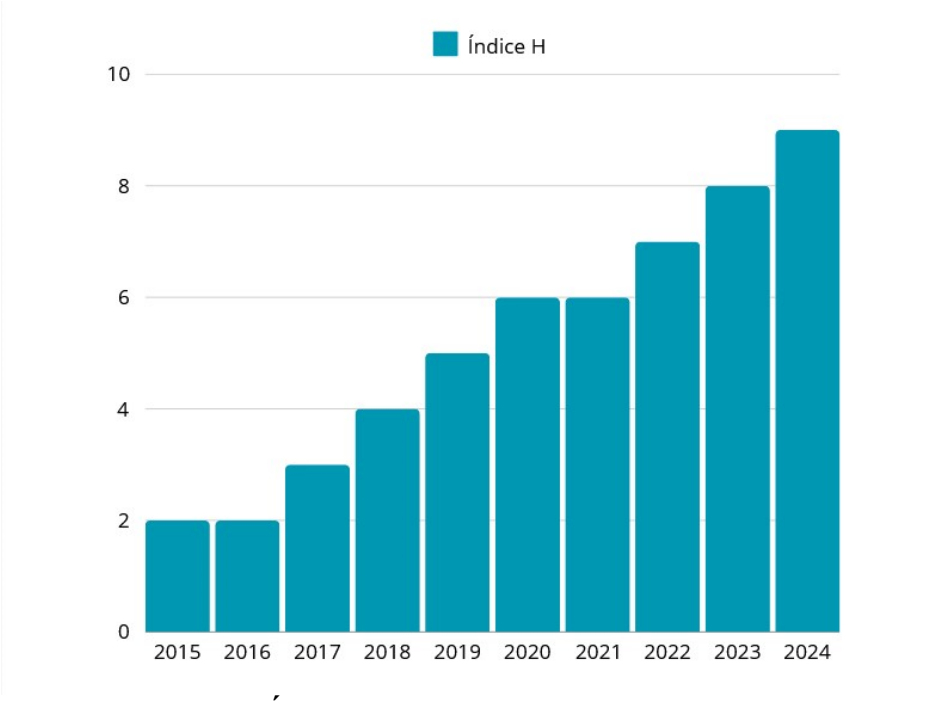
[32] Organizado pelo prof. Fabio Mura e a profa. Ana Padawer, e especializado em "Processos técnicos e tradições de conhecimento local": https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/issue/view/4756

[43] Organizado pela profa. Marlise Rosa e o prof. Rodrigo Reis, e tendo como foco os "Povos indígenas em contextos urbanos na América Latina": https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/issue/view/4815

A este conjunto de aprimoramentos na *Espaço Ameríndio*, poderíamos acrescentar outras variações relevantes: a) a quantidade de artigos publicados por número; b) a tradução para a língua portuguesa de importantes textos etnológicos até então inéditos de autores como Jean Bazin, Guillermo Bonfil Batalla e Alban Bensa; c) o incremento constante do acesso ao site da revista; d) o aumento significativo e também constante do número de downloads dos artigos da revista; e e) a elevação do índice de impacto H, de 5 para 9. Tais mudanças trouxeram a reclassificação da revista de B1 para A2 dentro da última avaliação do Qualis CAPES para o quadriênio 2021-2024, ainda válido ao momento de redigir esta Apresentação.



Número de downloads (2007 – 2024)



Índice H da revista (2015 - 2024)

Durante esses seis anos e 15 números que a *Espaço Ameríndio* publicou, temos um total de 229 trabalhos, entre artigos, ensaios bibliográficos, resenhas e laudos. Desse total, 32 trabalhos são de autoria indígena, o que representa pouco mais de 10% dos textos da revista e o que equivale a uma média de mais de dois trabalhos de autoria indígena por cada número publicado.

Tendo em consideração as descrições e dados anteriores, acreditamos ter completado os objetivos propostos para a editoração da revista *Espaço Ameríndio* durante o ciclo mencionado, que incluem os 15 números que precedem esta edição, e que esperamos estarem à altura das anteriores, e que apresentamos a continuação. Porém, antes de encerrar este breve balanço, gostaríamos de agradecer especialmente aos prof. Arlei Sander Damo pelo apoio à revista durante sua atuação como Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFRGS, entre 2020 e 2022, assim como ao prof. Eduardo Dullo pelas atenções que teve com a *Espaço Ameríndio* sendo parte do Programa de Apoio à Edição de Periódicos (PAEP) da UFRGS. Mas nada de tudo o que foi feito durante estes seis anos na revista teria sido possível sem o auxílio e a ajuda incondicional de Guilherme Sant´Ana, Editor Gerente da revista até abril de 2024.

* * *

Realizado o sucinto balanço dos últimos 15 números da *Espaço Ameríndio*, corresponde agora introduzir a presente edição. Este novo número da revista conta com 13 artigos, três deles de autoria indígena, e uma resenha, totalizando 14 textos.

O número se abre com o texto intitulado *O bispado do Maranhão e o Diretório dos Índios: governo diocesano e assimilação dos indígenas na Amazônia (1677-1798)* de autoria de Pollyanna Gouveia Mendonça Muniz. O

que representa uma excelente análise entre a história e antropologia que se debruça sobre as dinâmicas de governo empregadas pela Igreja Católica na Amazônia portuguesa durante a segunda metade do século XVIII, se interessando também pelas diversas rupturas e disputas internas na organização, assim como pelas estratégias dos povos indígenas da região diante de tais práticas.

Na sequência, Erick Charlles Oliveira Silva e José Adelson Lopes Peixoto em *Tramas da aldeia Xucuru-Kariri do Cristo do Goití*, exploram a conformação histórica e sociopolítica da aldeia localizada em Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas, se interessando pelos processos de constituição de faccionalismos vinculados ao território nas múltiplas dimensões: tanto a territorialidade quanto a territorialização.

No terceiro artigo deste número, o trabalho *A cidadinha dos índios: dualidades kanhgág em transformação,* de Lucas Cimbaluk, se interessa também pela exploração das dinâmicas e lógicas territoriais indígenas, mas, desta vez, Kaingangs, dentro da bacia do rio Tibagi, especificamente na TI Apucarana. No seu texto, Cimbaluk retoma as antigas discussões sobre o "dualismo kaingang" para repensá-las à luz das transformações históricas e de novas formas de políticas da alteridade nas populações Jê.

Dando continuidade à seção de artigos, o texto *Uma versão mitohistórica do processo migratório da nação Anishinabe*, de Harryson Júnio Lessa Gonçalves, Beatriz dos Santos Landa e Antônio Hilário Aguilera Urquiza, apresenta, através da reconstrução de fontes documentais e da pesquisa realizada na Ziibiwing Cultural Center (no Estado de Michigan, EUA), a reconstrução de uma versão mito-histórica do processo migratório do povo Anshinabe para a região dos grandes lagos do Norte do citado Estado.

Na continuação, Flávio Bezerra Barros, Neusani Oliveira Ives-Félix e Luiza Nakayama, no seu trabalho intitulado *Notas etnográficas sobre comensalidade entre os Tentehar na região de Grajaú, Maranhão*, analisam a comensalidade da aldeia Tentehar Olho D'Água, como um fato social total que imbrica tanto dinâmicas culturais quanto relações interétnicas que perpassam as práticas alimentares. O artigo demonstra, também, as rápidas transformações pelas quais está atravessando a comensalidade Tentehar da aldeia do Estado de Maranhão.

A seguir, o artigo *Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao em Belém/PA,* de minha autoria, realiza uma caracterização dos modos de sobrevivência socioeconômica da população imigrante Warao que reside na capital paraense. Interesso-me pela descrição, caracterização e análise das diversas práticas de reprodução social que permitem a subsistência tanto das comunidades quanto das unidades domésticas da referida população.

Dando seguimento a este número, Rosa Maria Castilhos Fernandes e Mariana Maciel, no seu artigo intitulado *Política de assistência social no Brasil e a atenção aos povos indígenas*, analisam em profundidade as políticas de assistência social de corte indigenista que se encontram dentro do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Na análise, as autoras não só apontam as falhas e deficiências que o sistema apresenta, como também propõem caminhos alternativos para melhorar a assistência dos povos indígenas por parte do Estado brasileiro.

No oitavo artigo deste número, Renata Utsunomiya no seu texto *Arara da Volta Grande do Xingu: arte indígena contemporânea, urgência ecológica e múltiplas resistências*, desenvolve uma análise centrada na arte do povo Arara na tentativa de reconstruir as relações sociocosmológicas desta população indígena, recriadas nas suas formas de expressividade e subjetivação social. O texto se interessa particularmente pela relacionalidade sociedade-natureza presente na arte Arara.

Em seguida, o artigo *Memória e oralidade na formação docente: a contribuição dos anciões na trajetória de professores indígenas egressos da Licenciatura Intercultural Indígena (UFSC),* de Sandor Fernando Bringmann, representa uma interessante caracterização e análise dos processos de construção de conhecimento de estudantes indígenas Mbyá-Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina que realizaram seus Trabalhos de Conclusão de Curso a partir das memórias orais das/os anciãos/os dos seus respectivos povos.

Encerrando a seção de artigos, o trabalho *Língua e (des)colonialidade no processo de reconhecimento do kichwa na Constituição Equatoriana de 2008*, de coautoria de Jaqueline Scussel, Daniel Ribeiro Preve, Jorge Eremites de Oliveira, Fernando Fabian Guerrero Maruri e Juliano Bitencourt Campos, reconstrói o processo de reconhecimento da língua Kichwa, como língua oficial da República do Equador durante a Constituinte Equatoriana (2007-2008). O artigo analisa as estratégias da Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE) desenvolvidas para alcançar o mencionado reconhecimento linguístico.

Abrindo a seção de Autores Indígenas deste número, encontramos o artigo *Introdução à Literatura Indígena de Roraima: o gênero panton/pantoni*, de Truduá Dorrico, Catarina Nogueira Wottrich, Cristiane Albino e Katia Priscila Borges, que analisa a obra A história de Xibobo/Pokowa Pantoni, de Matilde Makuxi e Lacy Mariano, com a finalidade de caracterizar tanto a obra quanto o gênero da mesma: o pantoni, gênero criado pelo povo Makuxi e de características eminentemente orais.

Continuando esta seção, Mihagerê Gavião e Caio Maximino, no seu texto conjunto intitulado *Impactos psicológicos e emocionais das ameaças ao território indígena Gavião/PA*, caracteriza as violências e ameaças às quais está exposta a TI Mãe Maria, do município de Bom Jesus, no Estado de Tocantins, por parte dos fazendeiros da região. O texto se interessa particularmente por analisar as consequências deste contexto para a saúde mental do povo Gavião.

Encerrando a seção de Autores Indígenas, Aylla Monteiro de Oliveira e Fernando da Silva Cardoso apresentam o artigo intitulado "Tava *eu na minha aldeia, pra que mandou me chamar?": uma investigação autoetnográfica da resistência Kapinawá na preservação dos direitos territoriais e identitários diante da exploração de energia eólica.* Neste texto, se estudam as diversas práticas e dinâmicas de resistência do povo Kapinawá frente ao controvertido e perigoso projeto de construção do Parque Eólico Buíque na Ti Kapinawá, no Estado de Pernambuco.

Finalmente, este número de revista se encerra com a resenha de *E os protocolos de autónomos de consulta e consentimento prévios?*, *de* autoria de

Jeferson Virgilio, que explora a publicação coletiva de Priscylla Joca, Biviany Rojas Garzón, Liana Amin Lima da Silva, Rodrigo Magalhães de Oliveira e Luis Donisete Benzi Grupioni, aparecida em 2021 sob o título: *Protocolos autônomos de consulta e consentimento: Um olhar sobre o Brasil, Belize, Canadá, Colômbia.*

* * *

Da mesma forma que em cada número anterior da revista, devemos agradecer com entusiasmo a todas/os as/os autoras/es que submeteram seus trabalhos para as diversas seções da revista. Com o mesmo entusiasmo agradecemos também as/os pareceristas que doaram generosamente seu tempo e esforço para avaliar os textos deste novo número. O maior reconhecimento, não obstante, deve ser feito à equipe que fez esta edição possível, especialmente à Natacha Rodrigues Portal pela sempre excelente revisão e diagramação dos textos, assim como a Mariana Ribeiro pela capa deste número e pela confecção, junto ao prof. Vitor Queiroz, do desenho artístico de todo o 19º volume, que virá à luz durante 2025.

A partir da próxima edição da revista: volume 19, número 2, a *Espaço Ameríndio* estará a cargo do novo coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT) da UFRGS, o prof. Vitor Queiroz, que atuará como seu Editor-Chefe. Desejamos a ele o melhor dos sucessos, sabendo antecipadamente que a publicação não poderia continuar em melhores mãos.

Por fim, no nosso último parágrafo como Editor da revista, vindicamos: Demarcação já de todas as Terras Indígenas no Brasil; e Palestina livre e soberana: do rio até o mar.